

O USO DE ESTRATÉGIAS DERIVADAS DO MÉTODO TEACCH NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESCRIÇÃO DE UMA PRÁTICA INTERVENTIVA

Jaíse do Nascimento Souza¹
Débora Regina Paula Nunes²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever a implementação de um programa instrucional que incorpora o uso de Práticas Baseadas em Evidências (PBE) dentro de uma esfera educacional. A intervenção descrita foi desenvolvida utilizando estratégias derivadas do modelo TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com déficits relacionados à Comunicação) em atividade individual, com uma criança de cinco anos, diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no contexto da Educação Infantil do sistema público municipal de ensino. De forma específica, o estudo avaliou os efeitos de quatro estratégias, apoiadas no TEACCH, no desempenho acadêmico e funcional de um menino com TEA, no contexto da Educação Infantil. Os resultados sugerem que a utilização dessas práticas favoreceu o tempo de permanência da criança na atividade, assim como a sua performance. Consideramos que, na prática diária da sala de aula, a utilização de PBE, a exemplo do modelo TEACCH, estimula o professor a atuar de forma alinhada aos resultados de pesquisas científicas e agrega valores ao processo de ensino aprendizagem do estudante com TEA para o desenvolvimento de suas habilidades acadêmicas e funcionais.

Palavras-chave: Educação Infantil, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Método TEACCH, Prática Baseada em Evidências (PBE).

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por prejuízos sociocomunicativos, alterações sensoriais e comportamentos estereotipados associados ou não a interesses restritos (SCHMIDT et al., 2016). Trata-se de uma condição que se manifesta antes dos três anos de idade e acomete, primordialmente, indivíduos do sexo masculino. No mundo, essa condição atinge, atualmente, cerca de uma em cada 160 crianças, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017). No Brasil,

¹Pedagoga e mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil, jaise.pb@gmail.com

²Orientadora: Professora Doutora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação da Universidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil, deboranunesead@gmail.com

dados epidemiológicos disponíveis estimam que o autismo acometa cerca de 600 mil pessoas (PAULA et al., 2001).

Diante desse quadro, o número de alunos com TEA, matriculado em escolas regulares tem se tornado expressivo (GENTIL; NAMIUTI, 2015; RIBEIRO et al., 2017). Com vistas a garantir uma educação de qualidade a essa população, distintos documentos normativos têm sido disseminados. Dentre eles, a Lei 12.764/12, que institui a “Política Nacional de Proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista”.

A despeito da garantia de direitos, muitos são os desafios que envolvem o processo de escolarização desses indivíduos. Um dos problemas mais graves salientados pela literatura é a precariedade na formação de professores (NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013; RIBEIRO et al., 2017) que leva, muitas vezes, à ausência do uso de práticas empiricamente validadas em sala de aula (AZEVEDO, 2017). Essas práticas, denominadas de Práticas Baseadas em Evidências (PBE), correspondem a estratégias de ensino que foram utilizadas com sucesso em pesquisas (AGUIAR et al., 2011) e que corroboraram com o desenvolvimento de habilidades funcionais e acadêmicas dos indivíduos.

Um dos programas interventivos que tem sido amplamente disseminado na literatura científica é o programa TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com déficits relacionados à Comunicação), categorizado como uma prática cientificamente válida ou PBE no contexto educacional (NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013). Esse modelo interventivo foi criado na década de 1960, na Universidade da Carolina do Norte (EUA) e tem como aportes teóricos as abordagens Behaviorista³ e Psicolinguística⁴.

De uma forma geral, o programa propõe o ensino individualizado e combina diferentes materiais concretos e visuais para auxiliar a criança a estruturar o seu ambiente e a sua rotina (SILVA, 2012), elementos considerados por Gauderer (1993 apud GENTIL; NAMIUTI, 2015, p.182) imprescindíveis para as pessoas com autismo que “precisam de uma estrutura externa para otimizar uma situação de aprendizagem”.

O modelo TEACCH visa uma intervenção direta com as pessoas com TEA em ambientes e espaços estruturados, com regras simples e com atividades e materiais adequados às características individuais de cada indivíduo (MARQUES; MELLO, 2002; RODRIGUES; GONZÁLEZ, 2015). De acordo com Marques e Mello (2002), as principais estratégias que

³Behaviorismo (do inglês Behavior = Comportamento) é o conjunto de abordagens, nascidas nos séculos XIX e XX, que propõe o comportamento como objeto de estudo da psicologia. Principais representantes John B. Watson (1878-1958) e Burrhus Frederic Skinner (1904-1990).

⁴Psicolinguística é o estudo das conexões entre a linguagem e a mente. (1950)

moldam o modelo TEACCH são: rotina, adaptação de atividades, sistema de trabalho (execução da atividade, horários individualizados) e a organização de ambientes estruturados (área de aprendizado, área de trabalho independente, de descanso ou lazer).

Esse protocolo faz uso, ainda, do Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R), um instrumento clínico que avalia as habilidades e déficits da criança com TEA a fim de determinar as estratégias interventivas que deverão ser estabelecidas individualmente (LEON et al., 2004).

Apesar de ter sido planejado para uso em ambientes mais segregados, alguns dos princípios do TEACCH podem ser adaptados às salas regulares. De fato, muitos estudos internacionais têm sido publicados sobre a efetividade do uso do TEACCH na escola comum (NOWELL et al., 2019; KWEE; SAMPAIO; ATHERINO, 2009). Poucas, no entanto, são as pesquisas brasileiras que avaliam esse método (JUNIOR; BELCHIOR; SANTOS, 2015; MARTINOTO, 2015; GIACONI; RODRIGUES, 2014; RODRIGUES; GONZÁLEZ, 2015). Destarte, o objetivo do presente estudo é contribuir para a literatura vigente, avaliando a efetividade de utilizar procedimentos interventivos do método TEACCH no desempenho de um educando com TEA.

METODOLOGIA

Delineamento da pesquisa – O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza interventiva, delineada como uma pesquisa-ação (TEIXEIRA; NETO, 2017). Rocha (2003) ressalta que nessa modalidade de estudo, a implicação do pesquisador está presente no processo da investigação, e que ela permite refletir criticamente e avaliar resultados de investigações através de ações concretas na realidade.

Variáveis – Considerando tratar-se de um estudo de natureza interventiva, duas classes de variáveis foram identificadas: as variáveis independentes (tratamento utilizado) e as variáveis dependentes (respostas do educando). No primeiro grupo foram consideradas 04 estratégias interventivas:

Quadro 1 – Variáveis independentes do estudo

Estratégia	Definição
Adaptação da atividade	Fonte (36) e cabeçalho

Ensino individualizado	Ensino centrado no aluno
Organização visual do material	Os estímulos móveis a serem utilizados na atividade colocados na parte superior da mesma.
Reforçador	Após a tarefa, de acordo com a rotina, as crianças iriam para a quadra de esportes da instituição. Luan apreciava muito esta atividade. Assim, ao término da mesma ele poderia pegar uma bola para participar desse momento.

No segundo grupo, as *variáveis dependentes* foram definidas como o número correto de associações de letras numa atividade individual dirigida e o tempo de permanência do aluno na atividade.

Participante – Estudante Luan (pseudônimo), 5 anos, diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento, Autismo Infantil⁵ (CID 10⁶, F.84) de acordo com o laudo psicológico apresentado à escola no ato de sua matrícula.

Agente de intervenção – O agente de intervenção foi a primeira autora, que tem 35 anos, é formada em Pedagogia, mestranda em Educação, com experiência de 6 anos na área de Educação Especial como Terapeuta Ocupacional com base no Programa TEACCH.

Local – O trabalho de pesquisa foi conduzido no ambiente de uma sala de Educação Infantil do sistema público de ensino, Parnamirim, Rio Grande do Norte, onde estão matriculados 22 alunos.

Instrumentos – Para avaliar o repertório comportamental de Luan, foi utilizada a Escala de Comportamento Atípico (ABC), elaborada por Krug, Arick e Almond (1993) e validado por Marteleto e Pedromônico (2005). Nesse instrumento, que avalia a severidade da sintomatologia

⁵Na mais recente versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2013) os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs), incluindo o Transtorno Autista a que se refere o laudo do estudante, fundiram-se em um único diagnóstico chamado Transtorno do Espectro Autista, TEA, que se caracteriza por déficits na comunicação social e outro relacionado aos interesses restritos, fixos e comportamento repetitivo.

⁶CID-10 - Classificação Internacional de Doenças – CID 10 foi publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993) e visa padronizar a codificação de doenças e outros problemas relacionados à saúde. Sua versão mais recente, a CID 11, foi lançada em 18/06/2018 e será apresentada para adoção dos Estados Membros em maio de 2019 com vistas a entrar em vigor em 01 de janeiro de 2022.

do autismo, a pontuação varia de 1 a 4. A “nota” 1 significa que o comportamento está dentro dos limites da normalidade para outra criança de mesma idade. A “nota” 2 é atribuída à pequena anormalidade, enquanto a 3 indica que a criança apresenta moderada probabilidade de classificação como autista. Por fim, a “nota” 4 é para aquela cujo comportamento é severamente anormal para a idade. Na interpretação dos dados, o instrumento sugere que se a pontuação for menor que 47 a criança apresenta conduta dentro dos limites da normalidade; entre 47-53 = leve probabilidade para autismo; de 54-67 pontos = moderada probabilidade para autismo; e maior 68 = autismo.

Materiais – Os materiais utilizados para coleta dos dados desta pesquisa foram: câmera fotográfica do aparelho celular, notebook, caderno, caneta e folhas A4.

Procedimentos – O estudo foi desenvolvido em quatro etapas. Na primeira etapa foram realizadas observações do educando em contexto natural e avaliação de seu repertório de comportamento por meio da escala ABC. Na segunda etapa foram feitas as descrições das informações básicas sobre os planos para essa intervenção, o que incluiu a elaboração de um objetivo instrucional e a nomeação das estratégias interventivas a serem desenvolvidas. Na terceira, deu-se a intervenção, que, considerando como base a *autoscopia*,⁷ foi videografada. Na quarta e última etapa foram feitas as análises do material videografado, o que nos permitiu estabelecermos correlações entre as variáveis deste estudo (MORESI, 2003, p.9).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo serão apresentados em 02 seções. Na primeira será descrito o perfil do aluno e o seu desempenho na sala de aula. Na segunda serão destacados os efeitos da intervenção em seu comportamento.

1. Quem é Luan?

Dados da escala ABC, respondida pelo pai de Luan, indicaram uma pontuação de 119 pontos, sugerindo diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo. Ademais, registros

⁷Ferramenta metodológica que permite a demonstração dos procedimentos de ensino adotados, possibilitando uma modificação da ação pela percepção de causas e efeitos (LINARD, 1980 apud SADALLA; LAROCCHA, 2004, p. 421).

observacionais da primeira autora indicaram que o referido aluno evidenciava alterações comportamentais e déficits na comunicação verbal, não verbal e na interação social. Ele dificilmente mantinha contato ocular, além de apresentar choro, risos e/ou gargalhadas inadequadas ou fora de hora, como por exemplo, no momento da refeição, sem que houvesse qualquer razão específica. Em alguns momentos parecia “surdo” mantendo-se alheio às solicitações. Apresentava estereotípias verbais, como a repetição de palavras, sílabas ou sons sem nenhuma finalidade aparente, a exemplo de “iiiiii” ou “Shop, shop, shop”.

Luan não se comunicava por meio de gestos, com exceção do sinal de *tchau*, que ele utilizava, vez por outra, nos momentos de despedida. Tinha a isolar-se socialmente, em geral, em situações de brincadeiras espontâneas e nas atividades coletivas. Apresentava sinais de alterações sensoriais, como a preferência pela ingestão de líquidos e irritação ao ouvir determinados sons.

O aluno começou a frequentar as aulas na referida instituição na segunda semana do mês de março/2018. Possuía boa frequência escolar e dada à necessidade contava, desde então, com o apoio de um *estagiário* que o acompanhava durante a execução das atividades pedagógicas individuais e/ou coletivas.

Ademais, esse profissional era responsável pelo desenvolvimento das Atividades de Vida Diária (AVD), definidas como atividades rotineiras, tais como, lavar as mãos, escovar os dentes, usar o banheiro, despir-se, vestir-se, alimentar-se, etc. Fialho (2013) considera que as dificuldades na aprendizagem das AVD são decorrentes das deficiências na área da linguagem e das habilidades sociais que acometem as crianças diagnosticadas com TEA, tornando-as dependentes de um adulto por mais tempo do que uma criança com desenvolvimento típico.

A resistência em realizar as atividades acadêmicas era observada na medida em que o menino apresentava comportamentos de choro e recusa ao ser instruído a realizar tarefas em sala. Apesar disso, não apresentava resistência para manter-se na sala de aula nem nos espaços de convivência, tais como refeitório, quadra de recreação, pátio e brinquedoteca. Quando agitado ou se sentindo desconfortável - inclusive por causa da sensibilidade a alguns sons produzidos no ambiente - um passeio rápido pela escola acompanhado de um responsável já o deixava tranquilo e apto a retomar às suas atividades.

Trabalhava relativamente bem com pareamentos de gravuras, colagem de letras, números ou figuras e demonstrava certo interesse por atividades de pintura com pincel e tinta guache. Observamos, ainda, possuir pouca familiaridade com material gráfico e desenhava utilizando riscos e traços desordenados sem respeitar os limites do papel. Porém, mostrava um

interesse satisfatório por alguns jogos de encaixe, livros de histórias infantis e pelo manuseio de peças de lego.

Dados observacionais indicaram que convivência de Luan com os demais colegas era harmônica. Os alunos evidenciavam cuidados especiais com o menino, trazendo-o para perto nos momentos em que ele se isolava e comunicando aos professores qualquer problema de conduta. Assim, tipicamente chamavam os docentes quando Luan pegava um brinquedo sem autorização ou saía da fila.

2. A prática interventiva

Foram realizadas 02 sessões de filmagem de Luan durante a realização das atividades acadêmicas. Essas sessões foram videografadas por uma assistente de pesquisa e, posteriormente, analisadas pela professora regente do aluno (1ª autora).

Nesses registros foi possível detectar que Luan não exibia resistência para manter-se na sala de aula, mas, na maior parte das vezes, o menino apresentava comportamentos de choro e recusa ao ser instruído a realizar atividades acadêmicas. Quando solicitado, geralmente permanecia sentado por um curto espaço de tempo (aproximadamente dois minutos), período insuficiente para concluir as atividades propostas pela professora.

Considerando as demandas de Luan, um plano de intervenção foi elaborado com vistas a: (a) aumentar o tempo de permanência do aluno nas atividades acadêmicas e (b) aumentar a frequência de acertos nas atividades realizadas. As estratégias interventivas aplicadas estão descritas no quadro 01 da metodologia.

Na Educação Infantil a utilização de uma rotina clara e compreensível para as crianças é fator de segurança (RCNEI, 1998, p.72). Nessa perspectiva, foi confeccionada, com base no modelo TEACCH uma rotina visual de atividades (MARQUES; MELLO, 2002, p. 147), considerando as necessidades especiais de Luan. Essa rotina, produzida em forma de cartões, era apresentada ao aluno como também para a turma no momento da realização das atividades acadêmicas.

Sobre o desenvolvimento de abordagens baseadas no estímulo visual e a organização de tarefas que considerem isso, Fonseca; Ciola, (2014) apud Martinoto, (2015, p. 32) consideram que:

Ao pensar nesses aspectos e nas dificuldades cognitivas, pela própria dificuldade de entendimento da linguagem, é fácil entender que as pessoas com autismo veem o mundo de uma forma diferente, muito visual, o que justifica o uso de recursos alternativos e uma metodologia específica para compensar esses déficits.

Conforme preconizado pelo programa TEACCH, as atividades eram adaptadas e individualizadas. Dentre as tarefas propostas, estava o pareamento de letras, onde o aluno era instruído a associar imagens e/ou gravuras às palavras correspondentes. Para fins de ilustração, será descrita uma das atividades realizadas no presente artigo. No caso, uma atividade envolvendo nomes de animais (LEÃO, PATO e TATU), cujas letras foram apresentadas em forma de cartões, ao aluno. Junto à essas letras, o menino recebeu uma folha com as imagens dos animais estudados e cola. Por meio de instrução verbal, foi solicitado a colar, ao lado das figuras, as palavras correspondentes.

Registros videografados revelaram que o estudante pareceu corretamente todas as palavras. Ademais, o tempo de permanência na tarefa foi ampliado de 2 para 5 minutos e 28 segundos. Registra-se ainda, que durante a intervenção foram feitas apenas duas pausas para a reorganização do comportamento do estudante, que se mostrou um pouco agitado no momento de colar as palavras na folha. Não houve, como em atividades anteriores, registros de choro ou recusa em realizar a tarefa.

Os dados revisados através da *autoscopia* permite-nos considerar a necessária e constante preocupação que o professor deve ter com os arranjos ambientais que envolvem o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com TEA. Esses arranjos são considerados dentro do método TEACCH (GIACONI E RODRIGUES, 2014), e ajudam efetivamente os alunos com TEA a se organizarem melhor para o desenvolvimento das atividades de sala de aula. Assim sendo, consideramos que a professora poderia ter dado mais atenção a este fator na prática da intervenção, trabalhando em uma mesa maior para que os materiais manipulados pelo aluno estivessem mais bem colocados durante a execução da atividade.

Os dados observados indicaram que, na prática diária da sala de aula, o uso de PBE, a exemplo da utilização de estratégias apoiadas no método TEACCH, podem ser promissoras por contribuir com melhoramento do perfil funcional e acadêmico dos estudantes com TEA. Ademais, vale destacar a importância da *autoscopia*, como prática de coleta e reflexão do comportamento docente. Por meio da filmagem foi possível que a professora identificasse as reais demandas do aluno, assim como formas de melhorar a sua prática.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Cecília; MONTEIRO, Ana Rita; CORREIA, Nadine. PIMENTEL, Júlia Serpa. **Desenhos de investigação de sujeito único em educação especial**. *Análise Psicológica* (2011), 1 (XXIX): 167-178. Disponível em: < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v29n1/v29n1a11.pdf> >. Acesso em: 12/08/2019

AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico de. **Estratégias de ensino e aprendizagem desenvolvidas com alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: uma revisão integrativa da literatura**. 2017. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. vol.1, MEC/Secretaria de Educação Fundamental, Brasília/DF, 1998.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; MIILHER Liliane Perroud. **Relações entre a Autistic Behavior Checklist (ABC) e o perfil funcional da comunicação no espectro autístico**. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2008 abr-jun;20(2):111-6. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872008000200007 > Acesso em: 02/03/2019

FERREIRA, Patrícia Palmerino Terra. **A inclusão da estrutura TEACCH na educação básica**. Prospectiva, Frutal/MG, 2016. Disponível em: < <https://www.academica.org/editora.prospectiva.oficial/24.pdf> > Acesso em: 10/10/2018

FIALHO, Juliana. **Autismo: estratégias para aumentar a autonomia nas atividades de vida diária (AVDS)**. Disponível em: < <https://www.comportese.com/2013/04/autismo-estrategias-para-aumentar-a-autonomia-nas-atividades-de-vida-diaria-avds> > Acesso em: 10/08/2019

GENTIL, Késia Priscila Gomes; NAMIUTI, Aline Pavan Sarilho. **Autismo na educação infantil**. *Revista Uniara, Universidade de Araraquara - Uniara*, v. 18, n.2, p.176-185, dez.2015. Disponível em: <<http://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/335>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

GIACONI, C., & RODRIGUES, M. B. (2014). **Organização do espaço e do tempo na inclusão de sujeitos com autismo**. *Educação & Realidade*, 39(3), 687-705. <http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000300004>

JUNIOR, Francisco Varder Braga, BELCHIOR, Michelle Sales; SANTOS, Sarah Teles dos. **Transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação e o atendimento educacional especializado**. Mossoró: EdUFERSA, 2015.

KWEE, Caroline Sianlian; SAMPAIO, Tania Maria Marinho; ATHERINO, Ciríaco Cristóvão. **Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH**. *Rev CEFAC*, v.11, Supl2, 217-226, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462009000600012 > Acesso: 29/11/2018

LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>
Acesso em: 06/12/2018.

LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em:
< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>
Acesso em: 16/12/2018.

LEON, Viviane de; BOSA, Cleonice; HUGO, Cristina; HUTZ, Claudio S. **Propriedades psicométricas do Perfil Psicoeducacional Revisado: PEP-R.** Avaliação Psicológica, v.3, n.1, Porto Alegre, jun.2004. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100005>
Acesso: 27/11/2018.

MARQUES, Marli Bonamini; MELLO, Ana Maria S. Ros de. TEACCH – treatment and education of autistic and related comununication handicapped children. In: CAMARGOS, Walter Jr. (coord.). **Transtornos invasivos do desenvolvimento.** Brasília: Ministério da justiça, Coordenadoria Nacional para a Integração da pessoa portadora de deficiência, AMES, ABRA, 2002.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli; PEDROMONICO, Márcia Regina Marcondes. **Validade do Inventário de Comportamentos Autísticos (ICA): estudo preliminar.** *Validity of Autism Behavior Checklist (ABC): preliminary study.* *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2005, vol.27, n.4, pp.295-301. ISSN 1516-4446. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462005000400008>.

MARTINOTO, Lisiane Barcarolo. **Aspectos psicoeducativos: estudo de casos de crianças com transtorno do espectro autista – TEA através do modelo TEACCH.** 2015. 134f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Educação). Centro Universitário La Salle, UNISALE, Canoas, 2015.

MEDRADO, Cylene Siqueira; SOBRINHO, Francisco de Paula Nunes. (2016) **Prática Baseada em Evidência (PBE) em Fonoaudiologia.** 2016. *Distúrbios da Comunicação*, 28(2).

MORESI, Eduardo (org.). **Metodologia da pesquisa.** Universidade Católica de Brasília. Brasília/DF, Março, 2003.

NOWELL, Sallie W.; WATSON, Linda R.; BOYD, Brian; KLINGER, Laura G. **Efficacy Study of a Social Communication and Self-Regulation Intervention for School-Age Children With Autism Spectrum Disorder: A Randomized Controlled Trial.** *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2019 Jul 12;50(3):416-433. doi: 10.1044/2019_LSHSS-18-0093. Epub 2019 Jul 9. Disponível em: < https://pubs.asha.org/doi/10.1044/2019_LSHSS-18-0093 > Acesso em: 13/08/2019

NUNES, Débora R.P.; AZEVEDO, Mariana O.; SCHMIDT, Carlo. **Inclusão Educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura.** *Revista Educação Especial*, v. 26, n. 47, set./dez. 2013, p. 557-572.

PAULA, C. S.; RIBEIRO, S. H.; FOMBONNE, E; MERCADANTE, M. T. Brief Report: Prevalence of Pervasive Developmental Disorder in Brazil: A Pilot Study. J Autism Dev Disord. 2011 Feb 21; [Epub ahead of print] PMID: 21337063

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão; LAROCCA Priscila. **Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 419-433, set./dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a03v30n3.pdf> > Acesso em: 09/12/2018.

SCHMIDT, Carlo; NUNES, Débora Regina de Paula; PEREIRA, Débora Mara; OLIVEIRA, Vivian Fátima de; NUERNBERG, Adriano Henrique; KUBASKI, Cristiane. **Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas.** Revista Psicologia: Teoria e Prática, 18(1), 222-235. São Paulo, SP, jan.-abr. 2016.

RIBEIRO, Daniela Mendonça; MELO, Nínive Rodrigues Cavalcanti de.; SELLA, Ana Carolina. (2017). **A inclusão de estudantes com autismo na rede municipal de ensino de Maceió.** Revista Educação Especial, 30(58), 425-440.

56, Maria Lopes da. **Pesquisa-Intervenção e a produção de novas análises.** Revista Psicologia Ciência e Profissão, 2003, 23 (4), 64-73. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010 > Acesso em: 16/12/2018.

RODRIGUES, Miriam De Moura Costa; GONZÁLEZ, Daniel González **A contribuição da metodologia do professor no processo de ensino - aprendizagem em aluno com transtorno do espectro autista/adulto no “atelier estruturado” na cidade de João Pessoa/Paraíba: um estudo de caso.** Revista Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad. Vol. 1 Núm. 4 (2015): RIAI 2015 VOL1, Nº4. Disponível em: < <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/4169>>. Acesso em: 15/07/2019.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa Silva. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro/RN: Objetiva, 2012.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini; NETO, Jorge Megid. **Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva.** Ciênc. educ. (Bauru), v. 23, n. 4, p. 1055-1076, Dec. 2017. Available from < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000401055&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 12/08/2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320170040013>.

Transtornos do espectro do autismo: dados e números. Disponível em: < <http://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders> > Acesso em: 27/09/2018.